

APRESENTAÇÃO

Após árduos trabalhos de edição, devido ao elevado número de artigos que recebemos, apresentamos o novo número da Revista Convergência Crítica, com o Dossiê Colonialismo Digital. A bela gravura na capa, chamada Prometheus, foi realizada e cedida pelo artista Rodrigo Mello, que também fez o design da capa. Publicamos artigos que possibilitam uma compreensão da unidade na multiplicidade, adentrando nos movimentos contraditórios deste fenômeno tão atual, dentro de uma perspectiva de totalidade concreta. São tempos de ataques sistemáticos à soberania digital brasileira, onde o capital de empresas do Vale do Silício, se alinham abertamente com o campo político da extrema-direita. Foi-se a ilusão, muito presente no campo democrático, de que estas corporações e suas plataformas poderiam ser benevolentes. Seus interesses são o lucro über alles: neste sentido vale tudo, principalmente impulsionar a desinformação.

A neocruzada internacional capitaneada por Trump e Bannon, ganha apoio direto de Elon Musk e Mark Zuckerberg: suas redes proprietárias abandonam a checagem de fatos e liberam sem pudor, os ataques às ciências, revisionismo histórico, negacionismo climático e todo tipo de fake news. Será possível resistir? Qual o nosso papel como pesquisadoras, professores, em defesa da democratização das ciências?

Os estudos sobre colonialismo digital, tornam-se uma necessidade para a compreensão e transformação da sociedade atual. A digitalização da vida, comandada pelas big techs, impõe o ritmo alucinante das máquinas, aprofundando a subsunção real dos trabalhadores, através da fragmentação e precarização da força de trabalho e a crescente fetichização da tecnologia, sob a forma da mercadoria. O conhecimento, a expertise, a técnica e a arte, frutos coletivos da humanidade, hoje são extraídos e privatizados sob a forma de inteligência artificial proprietária. Nada mais escapa da valorização do valor, nossas faces, subjetividades, bebês no ventre, o sono e o sonho, submetidos à extração de dados, biodados e metadados. Entregamos nossas redes públicas de ensino, pesquisa, saúde para Alphabet Google, Amazon Web Service e estamos reféns dos serviços das big techs, mas precisamos de alternativas. Por isso, junto com o professor Deivison Nkosi Faustino clamamos por um diálogo hacker-fanoniano!

Fanon nos ensina que capitalismo, colonialismo e racismo são elementos indissociáveis e suas correlações nos ajudam a explicar as origens do atual modo de produção. Em seu famoso discurso Racismo e Cultura, Fanon afirma que, dentro do capitalismo, o desenvolvimento das forças produtivas não aniquila o racismo, pelo contrário, torna-o mais sofisticado. O fenômeno da racialização codificada e os vieses embutidos nos algoritmos, tornam-se tecnologias de morte, em uma espécie de neolombrosismo cibernético, plasmado nas tecnologias de reconhecimento facial.

Estamos vivendo uma espécie de distopia do real, dentro do que, na literatura cyberpunk se chamou low life high tech, ou seja as mais sofisticadas tecnologias dependem de uma baixa condição de vida, suntuosidade para os capitalistas e miséria para o precariado, o infoproletariado e o cognitariado, submetidos a terríveis jornadas de trabalho, sem nenhum tipo de garantia ou segurança social. Tudo isso unido às velhas formas de exploração, nos mundos da morte do garimpo ilegal e nas minas de columbita, tantalita, lítio e cobalto, matérias-primas do hardware de nossos dispositivos.

Em A Inteligência Artificial na Educação Latino-Americana: preconizações da Unesco, Márcia Cossetin e Renan Antonio Pais de Godoy, analisam documentos oficiais da organização, adentrando nas ideologias tecno-solucionistas, em hegemônica circulação no campo educacional. O artigo Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara: debatendo o colonialismo digital e seus desafios à educação, de Marília Sinãni, propõe caminhos para a descolonização tecnológica, partindo de uma leitura da obra de Saramago, Ensaio sobre a cegueira. Carlos Eduardo Muniz Borges e Giuseppa Maria Daniel Spenillo, em Memes, “mitadas” e propaganda política na era do colonialismo digital, nos apresentam um estudo sobre a massiva utilização de memes pelo bolsonarismo na campanha de 2022, na rede social X. Já Carolina Bracco Delgado de Aguilar, epesquisa as contradições do colonialismo digital no espaço urbano, em A dataficação das cidades e o impacto na gestão urbana. No artigo O dilema homem-máquina: a lógica informacional e o concreto mundo do capital, Terezinha Ferrari e Felipe Saluti Cardoso nos munem com sofisticados substratos teóricos marxistas, para pensar a alienação, à partir da introdução das máquinas informacionais no processo de extração de mais-valor. Por sua vez, Maria Alice Silva Santos Félix, em Colonialismo Digital e Racismo Algorítmico: a Persistência das Estruturas Coloniais nas Tecnologias Contemporâneas, analisa a racialização como fenômeno intrínseco ao processo de digitalização da vida. Em Dos algoritmos ancestrais à crítica da digitalização, Cian Barbosa nos brinda com uma histórica crítica do digital e as relações entre tempo, cibernética e guerra. João Vitor Sales Zaidan e Wisley Simon de Lima Cunha, investigam o impacto da inteligência artificial na questão da defesa e segurança e as fragilidades nas legislações sobre uso de armas autônomas, no artigo Is There a State’s Right to Security?. Suzana Helena de Avelar Gomes, Lucilene Mizue Hidaka e Lara Leite Barbosa, em Moda, dataficação, inteligência artificial e colonialismo digital, propõe uma reflexão hacktivista para resistir ao colonialismo digital nas produções do campo da moda. Em Descolonizar a tecnologia digital, Andi Almeida nos traz reflexões cosmotécnicas para a descolonização da tecnologia. No próximo artigo, Tecnologias de exploração: colonialismo, cotidiano e relações de trabalho no capitalismo digital, Bruna Rocha, Cássio Santana e Paulo Victor Melo examinam como o colonialismo digital reconfigura o mundo do trabalho, agudizando desigualdades e precarização. Marcelo Castañeda e Luana Marcelino, nos trazem um estudo intitulado Do Twitter pro X: Colonialismo digital a partir da gestão Musk e Henrique de Azeredo Mirenda, problematiza o colonialismo digital na saúde pública brasileira em O caso da Rede Nacional de Dados em Saúde. Em Geopolíticas da tecnologia: Direito Digital, (neo)colonialismo e democracias, Pedro Odebrecht Khauaja reflete sobre as relações entre o Direito Digital e práticas coloniais, e, por fim, em Pânico de nada: A arte de Don L na batalha digital, Hiasmim da Silva do Espírito Santo articula rap e política na batalha contra o colonialismo digital.

No tocante às contribuições de temática livre, temos o texto “As Intersecções das Crenças Docentes na Acessibilidade do Ensino de Português Língua Adicional (PLA) em Ambientes Virtuais”, de Alecio Vaneli Gagher Marely, que estuda o ensino de PLA no contexto EAD, explicitando as implicações socioeconômicas e tecnológicas da inclusão digital. O segundo texto é de autoria de Tácio Barbosa, que em “Breves considerações historiográficas sobre o Nacionalismo” explora o tema da história do nacionalismo e sua intersecção com a globalização. Já em “Produtivismo Acadêmico e Sofrimento Psíquico no Ensino Superior Pós-Pandemia: Cansaço e Vida Danificada como o Novo Normal”, Alex Sander da Silva, Karoline Cipriano dos Santos, Silvana Mazzuquello Teixeira e Guilherme Orestes Canarim discutem os “impactos do

produtivismo acadêmico na saúde mental, especialmente no contexto do ensino superior no momento pós-pandemia”. Em “A Guerra Lúdica e o Neo Orientalismo em Call Of Duty Modern Warfare”, Rodrigo Queiroz de Aguiar analisa as representações culturais e de violência em jogos eletrônicos de guerra moderna como no jogo citado. Pedro Henrique da Silva, por sua vez, demonstra como os conceitos filosóficos de estado de natureza, medo como categoria filosófica, sociedade civil e contrato social na perspectiva de Thomas Hobbes, a partir de seu clássico, “Leviatã” guardam relação com o livro “A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes”. Mais adiante, Ryan Igor da Costa Souza realiza em “A Institucionalização da Transição Democrática” uma interessante discussão sobre a Redemocratização do Brasil no pós Ditadura Civil-Militar, focando sobre as leis advindas com a Constituição de 1988. Por fim, em “A Temática Indígena nos Livros Didáticos de História: Entre Avanços e Ausências”, Lara Siqueira Rangel Fernandes se debruça sobre a questão do silenciamento dos povos indígenas nos livros didáticos do 7º, 8º e 9º anos de duas diferentes coleções.

Trazemos também três contribuições especiais, na forma de dois artigos e uma entrevista. Nesta edição, em parceria com o Instituto Dominus de Educação, reunimos dois artigos de alunos do Ensino Médio, orientados por seus professores. O objetivo dessa iniciativa é destacar a importância da pesquisa científica para os estudantes e estimular seu ingresso no ensino superior. Dessa maneira, o primeiro trabalho intitulado "Guerra da Ucrânia: trajetórias de um conflito do tempo presente", explora os impactos da Guerra da Rússia contra a Ucrânia nas relações internacionais, considerando sua origem histórica e os desafios de abordar um tem tão atual. Também discute o posicionamento do Brasil frente à reconfiguração geopolítica global. Já o segundo trabalho, "Os impactos do uso da tecnologia digital na geração z" decide analisar os impactos positivos e negativos do uso da tecnologia digital na geração Z, abordando os desafios do excesso de aparelhos no cotidiano e como a tecnologia pode ser utilizada para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Ao fim, publicamos também uma importante entrevista de Bianca Luiza Freire de Castro França junto a Paulo Munurí, professor indígena do povo Yawalapiti. Bianca também é a autora de uma excelente resenha do livro “O Espírito da Floresta” de Bruce Albert e Davi Kopenawa.

Boa leitura!!

Walter Günther Rodrigues Lippold, coordenador do dossiê temático;

Ana Carolina Mendonça, editora da RCC e coordenadora das contribuições especiais;

Leonardo Soares dos Santos, editor da RCC e coordenador dos artigos de temática livre.